
**CONFISSÕES DE SATURNO: O DIÁRIO
MELANCÓLICO DE ALCIDES ARGUEDAS.**

Cláudio Diniz

Cláudio Diniz é doutor em história social pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e é professor das faculdades Santo Agostinho e Promove em Sete Lagoas-MG. E-mail: claudio_diniz@ymail.com

**CONFISSÕES DE SATURNO: O DIÁRIO MELANCÓLICO DE
ALCIDES ARGUEDAS.**

**CONFESIONES DE SATURNO: EL DIÁRIO MELANCÓLICO DE
ALCIDES ARGUEDAS.**

Cláudio Diniz

RESUMO

O escritor boliviano Alcides Arguedas (1874-1946) produziu a maior parte de sua obra sob forte influência de um ideário pessimista. Seu horizonte intelectual incluía autores que concordavam com as doutrinas oriundas do racismo científico dos séculos XIX e XX. O problema racial e, sem dúvida, o fator climático aliado à determinação do meio são características indeléveis do seu trabalho. Entre os anos de 1900 e 1946, Arguedas escreveu seu diário íntimo. Nessa obra fica evidente a relação entre a ideia de melancolia e as considerações sobre a nação e identidade nacional boliviana. No artigo que segue queremos conhecer o processo de criação do diário íntimo de Arguedas. Quais eram as tópicos principais abordadas pelo autor. Aquelas que mais se repetiam e aquelas que apareceram esporadicamente deixando registros importantes. Queremos compreender os norteadores da escrita do diário e os pilares metodológicos de sua construção. Alcides Arguedas impôs uma metodologia de divisão dos cadernos que compõem os tomos de seu diário e a nossa intenção é observar como isso aconteceu. Decorre disso o questionamento sobre os limites ficcionais da obra de Arguedas e os critérios que possibilitaram sua construção.

PALAVRAS-CHAVE:

Diário Íntimo, Racismo Científico, Melancolia, Tradição e Modernidade.

RESUMEN

El escritor boliviano Alcides Arguedas (1874-1946) produjo la mayor parte de su obra bajo la fuerte influencia de las ideas pesimistas. Su horizonte intelectual incluye autores que estuvieron de acuerdo con las doctrinas derivadas del racismo científico de los siglos XIX y XX. El problema racial y, sin duda, el factor climático combinado con la determinación del medio ambiente son características indelebles de su trabajo. Entre 1900 y 1946, Arguedas escribió su diario. En este trabajo, es evidente la relación entre la idea de la melancolía y consideraciones sobre la nación y la identidad nacional boliviana. No siguiente artículo queremos saber el proceso de creación del diario íntimo de Arguedas. ¿Cuáles fueron los tópicos principales abordados por el autor. Los que se repiten con más frecuencia y los que aparecieron esporádicamente dejando registros importantes. Queremos entender las bases metodológicas de su construcción. Alcides Arguedas impuso una metodología de división de cuadernos que componen los tomos de su diario y nuestra intención es ver cómo logro hacerlo. Por tanto, existe la pregunta sobre los límites ficcionales de lo trabajo de Arguedas y los criterios que permitieron su construcción.

PALABRAS CLAVE:

Diario Íntimo, Racismo Científico, Melancolía, Tradición y Modernidad

INTRODUÇÃO

Observar um “espírito” a guiar um período histórico seria uma metodologia anacrônica e idealista. A ideia de “época” também apresenta traços de indefinição teórico-metodológica. No entanto, a evidência de uma produção em massa de diários íntimos, entre os séculos XIX e XX, sugere um “regime de historicidade” passível de investigação. Certamente, compreendemos que um “regime de historicidade” não se constitui numa entidade metafísica ou etapista, mas é uma ordenação temporal que reformula elementos históricos em busca de respostas possíveis. Um regime de historicidade, portanto, não é nada mais do que o enquadramento acadêmico da experiência temporal. Isto é, a percepção de uma sequência de estruturas que podem ser organizadas no passado histórico.¹

Podemos imaginar uma ordem temporal na qual é possível observar um procedimento específico da narrativa histórica. A burguesia oitocentista incorporou o ideal romântico de aprofundamento no “eu”. Em nenhuma outra época a subjetividade foi tão importante. “Apesar de ser também o século da multidão, ou por causa disso, o século XIX dá proeminência ao indivíduo como fonte de inspiração e objeto de reflexão.” (SCHMIDT, 2003, p. 60). O século XIX marca o triunfo do “eu”, do individualismo, da introspecção nas mais diversas formas e suportes. O diário íntimo foi um desses “lugares” onde o homem Oitocentista buscou desnudar-se e revelar seu “eu” profundo. Se o centro da visão romântica do mundo era o sujeito, a produção de diários íntimos foi um dos suportes utilizados para tal intento.

O escritor boliviano Alcides Arguedas (1879-1946) talvez não tivesse em mente a concepção idealista do “eu” profundo quando iniciou um diário íntimo (ARGUEDAS, 1998)² naquela segunda-feira, dia de ano novo de 1900. No entanto, naquele fim de século XIX, o ideário romântico ainda estava bem vivo. Mal sabia Arguedas que aqueles ideais de aprofundamento na alma e evasão espaço-temporal seriam norteadores de um trabalho que percorreu mais de quatro décadas.

¹ Ver: HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. São Paulo: Autêntica, 2013. P. 17. Também: HARTOG, François. Regime de historicidade: tempo, história e escrita da história. KVHAA Konferenser. Stockholm, 1996. Disponível em www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog.html. Acesso em 07.09.2014.

² A partir daqui citado no corpo de texto como: (Diário, tomo, página).

A ambiguidade e a contradição são marcas indeléveis no diário de Arguedas. A modernidade imprimiu o sentido de deslocamento na tessitura de seu texto. Algo semelhante a um sacrifício impõe-se sobre o autor que se anula em nome da obra. De acordo com Foucault, “a obra que tinha o direito de conferir imortalidade passou a ter o direito de matar, de ser a assassina de seu autor.” (FOUCAULT, 1992, p. 36.). Aqui a escolha de Aquiles, que consistia em “morrer para continuar vivo”, ressignifica-se em “morrer para continuar bem morto porque só a obra continua bem viva”.

No artigo que segue gostaríamos de apresentar algumas inferências e questionamentos sobre o diário íntimo que Alcides Arguedas produziu entre 1900 e 1946. Na verdade, trata-se de um documento ainda inédito. De modo que iremos conhecer o processo de criação do diário íntimo de Arguedas. Quais as tópicos principais abordadas pelo autor. Aquelas que mais se repetiam e aquelas que apareceram esporadicamente deixando registros importantes. Os norteadores da escrita do diário e os pilares metodológicos de sua construção. Alcides Arguedas impôs uma metodologia de divisão dos cadernos que compõem os tomos de seu diário e a nossa intenção é observar como isso aconteceu. Decorre disso o questionamento sobre os limites ficcionais da obra de Arguedas e os critérios que possibilitaram sua construção.

Contar a história de si não é diferente de inventar a própria estória. Isso não significa que um diário íntimo é uma coleção de inverdades. Pelo contrário, no diário encontramos uma seleção de verdades subjetivas ou conjuntos de observações sinceras. Observações pessoais que revelam o diálogo que há entre o autor e o mundo. O homem ocidental moderno encontrou na narrativa de si uma forma de auto reordenação ou auto recriação da identidade. Um diário íntimo é uma seleção ou edição ao longo de todo o tempo em que é produzido. Isso significa que ele sofre uma exaustiva revisão até estar concluído. É o lugar de reconhecimento da identidade do indivíduo-autor. De acordo com Artières, o arquivamento do eu não é uma prática neutra, é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. (ARTIÈRES, 1998, p. 31.).

SOBRE PONTOS E BORDADOS

Nos primeiros anos de escrita do *Diário*, Alcides Arguedas ainda não demonstrava refletir sobre a forma da obra. As preocupações formais, no *Diário*, estão

relacionadas à maturidade intelectual do escritor. A narrativa de Alcides Arguedas, caracterizada por uma fragilidade juvenil nos primeiros registros, revela-se mais segura e reflexiva nas anotações dos anos de sua velhice. Para dizer a verdade, Alcides Arguedas passou a tecer comentários acerca do *modus operandi* do *Diário* depois dos anos vinte. A partir daí, vão surgindo referências ao trabalho de confecção do *Diário*. “Por um instante cancelei os trabalhos de Isabel, a datilógrafa, acreditando que eu partiria; porém, quando soube que ficaria, voltei a chamar-lhe e, hoje, ela está em pleno trabalho.” (Diário, T. V, p. 203.)

Em maio de 1929, Alcides Arguedas foi nomeado embaixador na Colômbia (Diário, T. V, p. 231.) pelo governo de Hernando Siles (1926-1930). A gestão de Siles foi menos turbulenta que as anteriores, mas a oposição às mudanças que propôs para a reforma do Estado boliviano causava incômodos. Siles rompeu com os republicanos e fundou o partido Nacionalista, fez acordos com o Peru e o Chile para resolver a questão do Pacífico e dizer não a uma nova guerra. Buscou mudar o sistema financeiro boliviano com a Missão Kemmerer e enfrentou protestos de estudantes, indígenas e liberais. Numa decisão radical, desterrou seus opositores e impôs o estado de sítio. A ideia de prorrogar o governo nasceu morta e, em maio de 1930, Siles renunciou ao governo da Bolívia. Arguedas, como um de seus detratores, foi enviado à Colômbia um ano antes da renúncia. No entanto, o governo do General Blanco Galindo (1930-1931) nomeou-o Cônsul Geral em Paris. Ainda assim, nunca houve quem conseguisse cessar suas críticas aos governantes bolivianos.

A propósito, é bom esclarecer que não se pode pensar na configuração formal do diário sem notar que essa narrativa sempre se faz acompanhar pela reflexão nacional. A partir daí, não é difícil entender que o suporte adequa-se às perspectivas políticas no diário íntimo de Alcides Arguedas. Essa relação fica mais evidente na citação a seguir. Pensamos que os tópicos do estilo formal do *Diário* que procuramos sublinhar até aqui, ficam mais bem evidenciados no registro de Arguedas.

Estos 39 cuadernos de apuntes, los dejo junto con otros papeles interesantes, a la Biblioteca nacional de París, y con la condición de que no puedan ser leídos sino cincuenta años después de mi muerte. Además dispongo que no se hagan conocer las notas íntimamente personales, bien que siempre he tenido la precaución de revelar nada de mi vida íntima, llena de luchas y dolores. Los cuadernos, resultan en conjunto, banales, flojos, y sin ningún interés por falta de movimiento, de pasión, de vida. No me explico en suma, por que he adquirido la fea costumbre del diario íntimo, fea y sin objeto cuando no se escribe como Amiel, como por ejemplo. Si relatase por lo menos, las menudas andanzas de las gitezuelas que hoy dominan en el país, acaso alguien encontraría algún día cierta novedad

a estos cuadernos, son tan insignificantes, tan mediocres, tan pequeñas esas gentes. (...) El predominio de estas gentes sin talento y sin carácter solo se explica en un país como el mío donde la mayoría de la población indígena es analfabeta y semi-bárbara cuando no del todo salvaje como sucede con las tribus de las regiones tropicales. Después de los indios vienen los cholos- la mala casta- y son los cholos leídos y ambiciosos que han manejado la política de ese pobre mi país, que no juega ningún rol entre entre los pueblos de mundo y permanece ignorado en el mismo continente. Los blancos, los pocos blancos, se han acholado por el espíritu y no existe verdaderamente una verdadera aristocracia de selección, de espíritu refinado, patriota, desinteresada y sobre todo, abnegada. Hoy unos cuantos hombres se destacan ilustrados, patriotas, previsoras, inteligentes, capaces, pero se dejan dominar por la pobreza del ambiente y permanecen solitarios, sin acción. Siendo pues eso así, no veo la utilidad de hablar de los cholos mandones, ni me imagino que nunca interese a nadie sus pasos, con interés de cosa grande, porque se movieron en pequeño y entre pequeños. Y la humildad lleva ya encima pesado fardo de recuerdos- que conmemorar para preocuparse ni un minuto de gentezuelas bajas, vulgares, ordinarias, tontas. (Diário, T. IV, p. 60.).

Alcides Arguedas era hábil em concatenar fatos e tecer unidades em sua narrativa.

No registro acima, Arguedas demonstra preocupação com a formação racial boliviana, com o problema dos intelectuais *cholos*, em especial Tristán Marof, e simpatiza com a estética do diário de Amiel. Na verdade, Alcides Arguedas une esses fios através da necessidade de perpetuação pela obra. Como possuía forte inclinação moralista, Arguedas parecia acreditar que seu julgamento sobre a sociedade boliviana iria cristalizar-se e perpetuar-se como verdade. E, como recebia influxos positivistas, Alcides Arguedas acreditava em uma visão universal da verdade.

No episódio da morte do amigo e poeta Armando Chirveches, Arguedas entendeu que deveria selecionar os registros do diário que restariam à posteridade no caso de seu falecimento. A determinação daquilo que poderia ser dado a conhecimento era acompanhada de ordem expressa para dar ao público esses registros somente cinquenta anos depois de sua morte.

Mucho me ha preocupado la muerte de mi amigo Armando. Y me he sentido débil, indefenso, sin saber por qué. Y como la vida no es un don concedido por tiempo fijo y determinado sino algo incierto y aleatorio, creo que es prudente y cuerdo prepararse, poner en orden sus asuntos, hacer cuentas y balances, dejar las cosas en limpio, en fin. Así lo haré, y para comenzar he principiado a revisar en cosas tan nimias, !tan sin relieve, tan ordinarias! Y conste que he evitado en lo posible no consignar nada de lo que ha agitado y entristecido mi vida, solo cuando las cosas pasaban de limite, las he marcada a la ligera, sin entrar nunca en detalles. Así y todo, hay mucho de personal e intimo que debo destruir, no por mí o los otros, sino por mis hijas. He resuelto entonces deshacer estos volúmenes y formar cuadernos separados para que en caso de accidente o muerte repentina, guardar unos y destruir otros. Haré la siguiente distribución:

- | | |
|----------------------|---|
| 1. Personal (íntimo) | para destruir sin leer |
| 2. La familia | para que guarden mis hijas o lo destruyan |
| 3. Literatura-arte | impresiones, para mis hijas |
| 4. Viajes | para mis hijas |

5. La política para depositar en la biblioteca nacional de París y publicar 50 años después de mi muerte.
6. Varios para mis hijas
Como en mis cuarenta volúmenes hay mas de 4000 páginas (¡cuatro mil páginas, Dios mío!) así los números 3 y 5 o sea, literatura y política, serán posiblemente los más nutridos. Ya antes, en una rápida revisión que hice, destruí lo que de más íntimo había, mi mujer, por su parte, desglosó varias páginas sin avisármelo, acaso hizo bien... Casi nada hay en estos volúmenes de mi vida de hogar, porque siempre el pudor me ha detenido... En mi testamento, que lo redactaré después de acabar este enorme trabajo, diré lo que habrá de hacerse con los volúmenes que llegue a formar. Algunos han de tener valor documentario y serán útiles para la historia, de aquí a 50 años, lo menos. Otros, serán divertidos. Lo que me ha tomado mucho tiempo es la documentación para los trabajos de historia, he empleado mas de 10 años de mi vida. (Diário, T. IV, p. 91.).

Não parece que Arguedas insistiu no tipo de distribuição temática que propusera para o *Diário* na nota acima. Sem dúvida, muitas coisas mantiveram-se em acordo com seu desejo. No entanto, pelas informações contidas nessa citação, podemos inferir que Alcides Arguedas não tinha controle exato sobre o destino de seu diário íntimo. O que queremos dizer é que Alcides Arguedas ainda faria muitas modificações na composição física do *Diário* antes de entregá-lo à guarda de centros de memória. Na verdade, as bibliotecas nacionais em París, Londres, Washington e Buenos Aires ficariam com a guarda do diário íntimo de Arguedas após sua morte. Quando os diários foram liberados, no ano de 1996, o *Archivo y Biblioteca Nacional de Bolivia*, na cidade de Sucre, disponibilizou uma cópia para consulta. Seja como for, a anotação abaixo, evidencia a preocupação de Arguedas com o destino do *Diário*.

Todo el día me he ocupado de encuadernar los tomos 2 y 3 de estos apuntes, pues no era posible salir al jardín porque llovió casi sin cesar. (...) Son cinco volúmenes grandes, de 250 y 300 páginas cada uno y hay para formar varios volúmenes impresos... Los hará alguien algún día? ¡Quién sabe! ¡Quién sabe si estos volúmenes no irán a parar a manos indiferentes a manos extrañas que aprovecharan de ellos o los dejaran podrirse, que sería lo mejor, después de todo! Quisiera guardar siempre en este libro todo lo que mis lecturas de periódicos encuentro todos los días sobre asuntos que me interesan o que yo encuentro divertidos; pero sería tal el numero de recortes que habría de guardar, que un libro como este quedaría lleno cada mes, por lo menos... Tampoco pongo mis pequeñas cositas personales. No puse, por ejemplo, que hace cuatro o cinco días se me quebró una muela orificada al romper la costra de un pan tostado; que soporté tres días el fastidio y el dolor, y que por fin ayer estuve donde el dentista que me arranco el quiste después de usar muchas precauciones y de anestesiarme la mandíbula. Ahora me amenaza con arrancarme la muela el jueves y vivo temblando porque, la verdad, tengo miedo. (Diário, T. VI, p. 46.).

Era o ano de 1932 e o governo de Daniel Salamanca (1931-1934) havia destituído Alcides Arguedas do cargo de cônsul geral em París. Arguedas considera o ato presidencial um disparate. Suas críticas às ações militares da Bolívia na região do Chaco provocaram a decisão de Salamanca. A imagem de brilhantismo com que Daniel Salamanca chegou ao poder se desvaneceu em apenas seis meses. No primeiro semestre de seu governo, Salamanca conquistou a antipatia de quase todos os setores da sociedade boliviana. Os reflexos da crise

econômica mundial, o desgosto da população, o enclausuramento marítimo e a pressão imperialista de empresas de petróleo (Standard Oil *versus* Royal Dutch Shell) contribuíram para que Salamanca decretasse a guerra contra o Paraguai. Ficou bastante conhecida a expressão “pisar fuerte en el Chaco” de Daniel Salamanca. Em 31 de julho de 1932, com a tomada do forte *Boquerón*, Salamanca começou uma guerra com o Paraguai. Uma guerra de três anos e um saldo de quase cem mil mortos. (QUEREJAZU, 1998, p. 61.).

Em abril de 1943, caiu o governo de Enrique Peñaranda (1940-1943) na Bolívia. Desde o início do governo de Peñaranda a oposição foi inclemente. O clima político tornou-se tenso e o presidente Peñaranda impôs o Estado de exceção em 1942. O enfraquecimento político de Peñaranda ficou evidente em 1943 ao sofrer um golpe de Estado impetrado por seu homem de confiança, o Mor. Taborga. No fim desse ano, Arguedas deixou o posto de ministro plenipotenciário na Venezuela. Dessa vez, sua saída não foi motivada por críticas feitas aos governos e políticos bolivianos. Alcides Arguedas estava enfermo e, a partir de então, começaria a enfrentar uma série de problemas de saúde que resultaram em sua morte em 06 de maio de 1946. Uma anotação desse período dá conta de seu delicado estado de saúde. “Esta é a miserável condição da natureza humana e, ante a ação do tempo que usa, gasta e mata, nada há que se fazer. (...) Miséria!” (Diário, T. IX, p. 85.).

O CONTROLE DA IMAGINAÇÃO NO DIÁRIO

O problema da imaginação no relato histórico, por ora, já foi suficientemente debatido. O mesmo pode-se afirmar para o caso do retorno da narrativa e das revelações do estilo de narrador histórico.³ Todas essas questões surgem em um contexto específico em que as crises paradigmáticas assaltavam o conhecimento social. A negação do real e, conseqüentemente, da própria história, agora se assemelha a um antigo clichê. Esses debates, não restam dúvidas, foram importantes no avanço do conhecimento acerca das instâncias *meta*

³ Ver: WHITE, Hayden. El contenido de la forma: narrativa, discurso y representación histórica. Barcelona/Buenos Aires/México, 1992; WHITE, Hayden. Meta-história: a imaginação histórica no século XIX. São Paulo: EDUSP, 1995; WHITE, Hayden. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo, EDUSP, 2001. Importante debate sobre história e pós-modernidade está em ANKERSMITH, F. R. Historiografia e pós-modernismo. Topoi – revista de história. Rio de Janeiro, PPGHIS/7 letras, vol. 2, mar. 2001; ZAGORIN, Perez. Historiografia e pós-modernismo: reconsiderações. Topoi – revista de história. Rio de Janeiro, PPGHIS/7 letras, vol. 2, mar. 2001. O debate sobre o retorno ou permanência da narrativa está em STONE, Lawrence. The revival of narrative: reflections on a New Old History. Past and Present, n. 85, p. 3-24, 1979; HOBSBAWM, Eric. Some Comments. Past and Present, n. 86, p. 3-8, 1980. Sobre o estilo ver GAY, Peter. O estilo na história. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. Sobre o efeito do real na obra histórica ver BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

do saber histórico. Além disso, ainda enriqueceram o arsenal crítico sobre as representações do passado e, por conseguinte, aumentaram o leque de possibilidades da análise historiográfica.

Quando se trata de uma narrativa histórica impressa num suporte tão subjetivo quanto pode ser um diário, os estudos formais assumem um papel imprescindível. De acordo com Hayden White, os estilos historiográficos são combinações de modos de elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica. “Há, por assim dizer, afinidades eletivas entre os vários modos que poderiam ser usados para alcançar uma impressão explicativa nos diferentes níveis de composição.” (WHITE, 1995, p. 43.). Isso significa dizer que a obra histórica constrói seu sentido político desde suas estruturas formais até suas bases ideológicas. O problema é que isso sugere uma teoria da história implícita ao próprio relato histórico e sem o controle do historiador. Tal idealismo sugere a existência em si da própria história e a falta de intencionalidade do narrador do relato histórico.

Noutra mirada, talvez seja melhor pensar na possibilidade de controle do ficcional no relato histórico. Ângela de Castro Gomes já alertou sobre o problema da “ilusão da verdade” decorrente do encanto por fontes de um nível alto de subjetividade. “Essa ilusão é tanto mais perigosa, a meu ver, quanto mais está relacionada ao que talvez de mais rico os documentos pessoais podem nos trazer.” (GOMES, 1998, p. 127.). Concordamos com a autora quanto ao perigo de se tomar por verdadeiro aquilo que é apenas verossímil. No entanto, há um pouco de ilusão da verdade em se apontar os limites entre a ficção e a história.

O discurso histórico desconfia do discurso ficcional e o controla relegando-o a uma função meramente ornamental. Essa divisão ocorre na Idade Moderna e, enquanto a história se tornará a guardiã da verdade, a ficção será reduzida ao âmbito da falsidade. Como a imaginação é condenada, seu uso deverá ser controlado. Desse modo, o intelectual subordinará a literatura ao documento histórico e o moralismo cientificista do discurso pragmático dominará o discurso ficcional. (SANJINES, 2012, p. 58.). De acordo com Javier Sanjines, o controle do ficcional em Alcides Arguedas repousa no elogio da ciência.

O racismo científico do século XIX apresentou argumentos que ofereciam a possibilidade de controle sobre todos os tipos ou raças humanas. Já vimos que no diário de Alcides Arguedas é evidente a predominância do trinômio raça, meio e clima na análise das sociedades. O paradigma de Taine determinava a visão de Arguedas sobre as nações e as

identidades. De acordo com Sanjines, *Pueblo enfermo*, de Alcides Arguedas, e *Os sertões*⁴, de Euclides da Cunha, possuem uma mesma metodologia de controle do ficcional.

(...) el cientificismo de la sociología biológica se echa a andar con el determinismo selectivo de *Los sertones*, de Euclides da Cunha, y con el fatalismo corrosivo de *l Pueblo enfermo*, de Alcides Arguedas. Mediante el deslinde de los tipos humanos favorables y desfavorables en el proceso de formación de la identidad cultural, ambos autores controlan al “ficcional” por medio de la metáfora de la sangre. De esta manera, anclaos en lo biológico, los dos escritores elaboran una teoría de las razas como factor determinante de la historia y de la mayor o menor capacidad de aquéllas para adaptarse a las exigencias de la civilización. (SANJINES, op. cit., p. 60.).

A racionalidade pragmática no discurso arguediano orienta-se para o controle do ficcional através da imposição da análise sociológico determinista sobre o ensaísta ou romancista. Assim, “em todas as facetas do escritor boliviano, a razão pragmática se antepõem e controla o fato “ficcional”.” (SANJINES, op. cit. p. 73.).

Luiz Costa Lima demonstra como o controle do ficcional em *Os sertões*, de Euclides da Cunha, passa pela filiação ao determinismo cientificista. A literatura em *Os sertões*, afirma Lima, só é permissível como ornato. A razão disso é que “o papel da explicação permanece confiado à ciência, sendo assegurado pelo instrumento mais seguro e inflexível: o determinismo total.” (LIMA, 1984, p. 143.). A tradição intelectual à qual Euclides da Cunha estava ancorado mantinha a ideia da literatura como ornato dependente da realidade. “Como é usual no século XIX, o pragmatismo de Euclides é declaradamente cientificista.” (Idem, p. 151.).

O diário íntimo de Alcides Arguedas obedece a uma razão pragmática semelhante à racionalidade da obra de Euclides da Cunha. Pra dizer a verdade, o controle do ficcional na obra de Arguedas está diretamente relacionado à superestimação dos limites da ciência. A construção da realidade só se verifica a partir da instituição de um discurso capaz de dar conta dos males da sociedade boliviana. A esperança do discurso científico era a capacidade de assegurar que a aplicação no real resultaria no “apuramento” da raça. Nesse sentido, aquilo que se chamou de “aridez sentimental” no diário íntimo de Alcides Arguedas, talvez tenha sido uma estratégia de controle do imaginário.

TÓPICOS DE UM DISCURSO MELANCÓLICO

⁴ O estudo de Sanjines coloca-se sob a filiação de LIMA, Luiz Costa. O controle do imaginário: razão e imaginação no Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1984. No entanto a aplicação da teoria do controle do ficcional está em LIMA, Luiz costa. Terra ignota: a construção de *Os sertões*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1997.

A leitura do diário íntimo de Alcides Arguedas revela uma constatação interessante. Pelo menos um terço de suas páginas é dedicado ao relato do sentimento melancólico e dos “lugares” em que se manifesta. As tópicas desse discurso surgem atreladas a um ponto de vista pessoal manifesto na construção da narrativa. Isto significa que estabelecer os “lugares” da narrativa saturnista, na obra de Arguedas, é uma tentativa de deslindar pontos de afetividade expressos numa configuração do autor.

Imperioso dizer que existe a coincidência dos relatos de Alcides Arguedas com os casos clínicos do que atualmente denominam “depressão” – distúrbio da emoção (sistema nervoso) classificado como unipolar (persistente) ou bipolar (alternante) (PORTH e KUNERT, 2004, p. 1195.). Nossa leitura do diário de Arguedas não quer classificar sua melancolia. É, antes disso, uma tentativa de compreensão dos momentos em que configurou sua narrativa de modo muito mais sincero do que verdadeiro. O que significa dizer que não estamos em busca de um diagnóstico da narrativa melancólica, mas da compreensão de um modo subjetivo de configurá-la. Esse elo com os estudos culturais impede a canalização de esforços de análise imbuídos de juízos prévios. Se consideramos que as tópicas principais são aquelas que mais se repetem, podemos racionalizar essa subjetividade elegendo os aspectos mais relevantes. Aqui, portanto, importa perceber o sentimento melancólico de Arguedas em suas relações com o deslocamento existencial, a obra histórica e a nação. A relevância desses temas dá-se pela importância atribuída a eles pelo próprio autor.

O sentimento melancólico de Alcides Arguedas chama a atenção pela diversidade de perfis que apresenta. Não podemos, assim, desprezar a configuração do local de reflexão sobre a existência. Na verdade, esse é um não-lugar porque representa o vazio exposto pela condição melancólica. O não-lugar do vazio existencial pode ser visto num registro de quando Arguedas viajou para assumir a embaixada da Colômbia.

Oh, pasajero nostálgico que quedas allí frente al río que marcha y no cambia y a la sombra de las palmeras que cobijaron tu infancia, no te duelas ni envidies la suerte del que parte y se aleja porque la vida es igual en todas partes y el hombre sabio y el hombre rustico, el rico y el pobre, el grande y el pequeño, el sano y el enfermo, el feliz y el sin venturas, el gallardo y el feo, todos acaban lo mismo después de haber luchado, amado y sufrido. Y que sea a la sombra de una palmera o bajo el techo de un palacio, el hombre siempre anda intranquilo y preocupado porque jamás ve colmada por entero su ambición y lo solo que habrá de tacharse al destino es que los hombres bajo las palmeras sean más numerosos que los que disponen de techo. (Diário, T. V, p. 33.).

Arguedas entende que a condição humana é de miséria sob qualquer aspecto. Em qualquer tempo e sob qualquer condição, o destino é inexorável. O fracasso que a vida revela obscurece todos os sonhos da infância. De acordo com Arguedas, a existência é uma eterna ausência. Sua insatisfação resultava de ter “lutado, amado e sofrido” ao longo da vida sem obter qualquer distinção. Uma clássica condição existencial saturnista e uma forma de ler o mundo comum a alguns intelectuais da época.

A condição melancólica desdobra-se em múltiplas facetas. No entanto, observamos na leitura do *Diário* que essa diversidade de perfis, às vezes, funde-se na unicidade do caráter melancólico. O que queremos dizer é que no momento em que Arguedas descrevia seu sentimento, a síntese produzida implicava na caracterização de um estado melancólico onde couberam diversos perfis. Não é difícil, a partir daí, encontrar as questões que viemos abordando em separado até aqui. Deslocamento, existência e ou nação, por exemplo, não se excluem na narrativa de Arguedas. Ao contrário, estão reunidos nas caracterizações que o autor expõe de seu perfil. Mesmo se concordarmos que Arguedas sabia dourar a pílula, ainda assim, a condição de desenraizamento continua evidente.

Llevo la sensación angustiosa del aislamiento moral, del hombre nacido para las afecciones profundas compartidas y que se siente mal juzgado, incomprendido. Y que tiendo los ojos en torno, nada. El vacío, cuando no la hostilidad sorda, implacable, obstinada por falta de comprensión. (Diário, T. IV, p. 40.).

Entendemos que a configuração do sentimento existencial melancólico, ao qual Arguedas atribui a sensação de vazio, torna-se mais sofisticadas à medida que a narrativa do *Diário* amadurece. Isto é, com o passar dos anos, percebemos que os textos se tornam mais dramáticos e melhor elaborados. Como última obra de Arguedas, o *Diário* era um campo de experimentação narrativa, mas muito mais um local de desabafo. O peso dos anos, muitas vezes destacado no *Diário*, aumentava exponencialmente o sentimento de culpa.

Tristeza, tristeza, tristeza... He pasado de los cincuenta años y me encuentro solo, privado de afectos, a la merced de un pobre muchacho que me cuida... A veces me tengo lástima yo mismo. (Diário, T. VI., p. 2.).

A condição melancólica de Arguedas é facilmente percebida na angústia gerada pelo ato de escrever. A produção do *Diário* e da obra é objeto de reflexões saturnistas. Logo nos primeiros cadernos do *Diário*, Arguedas não escondia a angústia da página em branco que parecia assaltá-lo diversas vezes.

Pereza. Fastidio de todo. Inquietudes vagas. Tristeza. La esterilidad de mis esfuerzos me espanta. Estoy condenado a ser irremediavelmente vulgar como escritor. Escribir ya me da miedo siempre el disé usado, la uniformidad desesperante. [...] Soy pobre y debil. Tengo por distracción el fatigar mis nervios con lecturas que no dejan su sedimento en mi espíritu colmado por el aburrimiento... [...] Melancólico por atavismo, casi enfermo, he recorrido los años de mi vida con los ojos fijos en las variaciones de mi alma siempre sedienta de emociones tiernas, intensas y durables pero sin encontrarlas nunca... No he sido útil a nadie ni a nada. Y pesa sobre mí un inmenso arrepentimiento. (Diário, T. I., p. 63.).

Tal condição não iria mudar muito com o passar dos anos. A angústia de Arguedas receberia um trato estético mais refinado na narrativa do *Diário*, mas ainda assim era um sentimento pesado e incômodo. De acordo com Alcides Arguedas, “quando se vive amargurado, o desgosto cessa todo desejo e animo para os labores, por mais comuns que sejam. E, sem dúvida, há tanto que escrever.” (Diário, T. II., p. 144.). O contexto, marcado pela Guerra do Chaco, tinha participação decisiva na produção escrita de Arguedas.

Inútiles resultan mis esfuerzos por concentrarme, meditar y seguir metódicamente el plan de mis trabajos. Hay muchas cosas que me perturban y me esterilizan: la guerra de mi país, la incertidumbre de mi situación moral y material, el miedo de las complicaciones de orden financiero, y, por último, una especie de malestar físico que me trae perezoso, triste y sin ánimo. (Diário, T. VI., 122.).

Como se observa no documento acima, a Guerra do Chaco não era o único evento deflagrador da melancolia em Alcides Arguedas. A crise econômica que assolava o mundo desde 1929, a crise das oligarquias tradicionais na Bolívia, dentre outros aspectos, também contribuía decisivamente para despertar o sentimento melancólico em nosso autor.

As reflexões sobre a obra configuram sua instância metahistórica. Se o maior número dessas reflexões acontece num período de maior produção intelectual, pode-se deduzir daí um indício de diálogo entre o labor intelectual e a produção do *Diário*. Notadamente, isso coloca a reflexão melancólica do *Diário* na tênue fronteira da imaginação histórica com a imaginação ficcional. Esse padrão estético expressa o deslocamento metafórico para um plano de possível ruptura com o sentimento melancólico. O deslocamento metafórico, de acordo com Jean Starobinski, conduz à aplicação estudiosa. O ato de escrever transforma a impossibilidade de viver em possibilidade de dizer. (STAROBINSKI, 2005, p. 29.) A única realidade, segundo Arguedas, é a própria finitude. Deriva daí a férrea vontade do escritor em deixar “algo útil” para seu país. Uma obra que pudesse auxiliar na construção da “inexistente” nação boliviana.

Por conseguinte, a última tópica que selecionamos da reflexão saturnista de Alcides Arguedas é o olhar sobre a nação e a identidade nacional. Os problemas relacionados

à nação boliviana ocuparam a maior parte de suas preocupações. Pelo menos é o que deixam transparecer os registros do *Diário*.

Penosa condición la de Bolivia en el continente. La Argentina la desprecia, Chile la codicia, el Peru la odia, el Brasil la mira con indiferencia y con recelo el Paraguay. No cuenta por ningún lado ni con amigos ni con aliados. Su acción es ineficaz; secundario su rol. En estas condiciones su vida misma es pobre, menguada, incoherente. Si a esto se agrega lo mal dirigida que está por sus hombres de Estado, naturalmente se colige que su significación en el mundo no tenga nada de envidiable. En estos momentos el mundo agoniza. De miseria y de ambición. Por todos os lados surgen revueltas, descontento, ambiciones. Quienes no poseen nada o poseen poco, quieren entrar en posesión de los que tienen mucho. Pero allá nada de esto preocupa. Es la política con todos sus egoísmos y sus mezquindades la que embarga la atención de todos; la política sucia y sin ideales. (Diário, T. II., p. 65.).

Arguedas fez a anotação acima num momento tenso da história da Bolívia. Dois anos antes desse registro, num tumultuado mês de junho, o ex-presidente José Manuel Pando (1849-1917) foi assassinado. Pando era o último dos caudilhos “bárbaros” e membro do então recente Partido Republicano. (Klein, 2008, p. 183.). Uma personagem de caráter discutível, de carisma ímpar e de popularidade absoluta. A morte de Pando desencadeou um clima de turbulência política tão forte que, durante todo o governo do liberal Gutiérrez Guerra (1917-1920), não houve um momento sequer de calma. (Diário, T. II., p. 79-80.).

Além disso, com o fim da Primeira Guerra Mundial, o processo de paz na Europa previa a restituição de territórios anexados antes do conflito. Isso gerou certa esperança de que a Bolívia viesse a recuperar as regiões litorâneas (Tacna e Arica) perdidas para o Chile na Guerra do Pacífico (1879-1883). No entanto, a Sociedade das Nações parece não ter dado importância à solicitação boliviana. A Bolívia chegou a enviar uma embaixada (da qual Arguedas fez parte) para representá-la nas negociações de paz em Versalhes, mas a Sociedade das Nações somente se interessou em pensar no caso europeu. Esses motivos concorriam para influenciar as observações de Arguedas a respeito da fragilidade política da Bolívia no cenário internacional. (Diário, T. II., p. 21.).

Outra peculiaridade do sentimento melancólico de Arguedas acerca da nacionalidade boliviana surge em suas observações do caráter nacional. O perfil humano da Bolívia representava motivo de angústia nesse modo saturnista de olhar a sociedade. A Bolívia não produzia homens de caráter superior, segundo Arguedas, por questões relacionadas à raça, ao meio e ao clima. Mesmo quando reconhece alguma dignidade no passado indígena, a suposta indolência em que o elemento autóctone havia caído após a conquista espanhola provocava o julgamento negativo de Arguedas. No entanto, a crítica mais intransigente dirige-se ao elemento mestiço ou *cholo*. Arguedas nunca deixou de admitir que

os *cholos* constituíam a quantidade negativa da sociedade boliviana. Ao racismo declarado reuniam-se as intenções políticas contrárias às das massas populares. O ataque ao *cholo* evidenciava uma postura favorável ao domínio das elites *criollas*.

Nada, nada. Es que con gentes mediocres y pobres no se pueden detener principios; es que con gentes sin ideales superiores, sin grandes aspiraciones, limitadas de talento y voluntad, no se crean instituciones libres; es que con mestizos y cholos no se practican instituciones hechas para pueblos de raza superior. (Diário, T. II., p. 90.).

Quando contrastamos as observações de Arguedas sobre a civilização boliviana com a estadunidense não é difícil entender os motivos orientadores de suas críticas. Arguedas opunha-se a Rodó que, em *Ariel* (1900), conclamava a juventude a se opor ao utilitarismo estadunidense e valorizar as tradições ibéricas. Ao contrário, Alcides Arguedas encontrava nos EUA uma espécie de modelo civilizacional. A admiração que o canal do Panamá despertou em Arguedas, por exemplo, transparece no diário íntimo. A simpatia pelo “gênio” estadunidense aplicado à construção do canal fica evidente no registro que reproduzimos abaixo.

Atravesamos el canal de Panamá, y algo quisiera decir de la impresión de estupor y consternación que produce; pero cairia en tremendo pozo de vulgaridades y anotar una sola reflexión: Hay gentes que abominan los yankees y su raza. Son gentes de los trópicos y hablan castellano y piensan en español. Viven como vivimos es decir, pobres, sucios, los gestos son impetuosos y rudas las maneras. Y se habla mucho del honor, pero se conoce poco la verguenza. (Diário, T. II., p. 11-12.).

Reflexões como essa evidenciam as orientações ideológicas racialistas de seu autor. Além de demonstrar grande simpatia pela “supercivilizada” nação estadunidense, Arguedas revela certo desprezo pela herança tropical. Isso é revelador do ponto de vista das orientações positivistas na reflexão arguediana.

A ideia de progresso em Arguedas está associada ao desenvolvimento científico e tecnológico. Não pensamos que tivesse total aversão aos povos das Américas, mas é impossível não perceber a reprodução de um universo de ideias ancorado no cientificismo europeu. A tensão gerada no encontro de diferentes processos civilizacionais aumentava a sensação de angústia e deslocamento. Refletir sobre a nação e o caráter nacional, através de modelos exóticos às realidades da América espanhola, é uma das principais tópicos das ideias de Alcides Arguedas.

Se bem que nem tanto exótica assim é a ideia de Estado na América. Antonio Mitre recorda a herança da organização estatal das civilizações pré-colombianas. O modelo de Estado que se implantou na América do Sul no século XIX permanece, com as devidas

ressalvas e adaptações, até hoje. Não existe uma herança de secessão nos Estados sul americanos. A coesão em torno da ideia de um Estado como mediador das relações sociais demonstra a maturidade dessa forma de pensamento na América. De acordo com Mitre,

observando o percurso dos países latino-americanos, desde sua formação até os dias de hoje, surpreende a continuidade do quadro estatal configurado no século XIX – fenômeno que não só contrasta com a fragilidade de seus fundamentos internos, mas também com o que se observa na Europa e em outros continentes, onde processos separatistas e nacionalistas de variada índole obrigam a redesenhar periodicamente o mapa político. Na região americana, ao contrário, embora tenha havido freqüentes deslocamentos de fronteiras, com transferências, forçadas ou negociadas, de franjas territoriais de um Estado para outro, as cisões provocadas por conflitos internacionais, guerras civis, levantamentos indígenas ou lutas regionalistas não redundaram na extinção de soberanias já constituídas, nem na emergência de novas entidades políticas. (MITRE, 2008, p. 3).

De qualquer modo, é possível observar a adesão política de Arguedas ao americanismo pela via diplomática. As leituras atuais da ação estadunidense no resto da América estão distantes de observá-la somente pelo viés da hipótese imperialista. Para além de ter significado somente prejuízo para os pobres “plantadores de bananas”, muitos acordos de cooperação terminaram por fortalecer o desenvolvimento autônomo do Estado hispanoamericano. Antonio Mitre assinala a ação da Missão Kemmerer (1923-1927), dos EUA, no sentido de modernizar as esferas econômicas, administrativas e financeiras em países como Peru, Chile, Equador, Colômbia e Bolívia. De acordo com Mitre,

Estudos sobre os efeitos que teve essa missão no país mais frágil – a Bolívia – mostram que a interferência do governo norte-americano, interessado em assegurar aos credores externos o pagamento da dívida, redundou no fortalecimento da estrutura estatal do país andino. A interação concertada entre as autoridades bolivianas e norte-americanas não apenas contribuiu deliberadamente para conter as pressões diretas dos capitalistas estrangeiros, mas também as da oligarquia local, colocando em mãos do Estado boliviano as ferramentas necessárias para fiscalizar o setor exportador e se familiarizar com a complexa trama do mercado de minerais. (idem. p. 12.)⁵

Não há dúvida de que a participação estadunidense na organização da vida boliviana, nos anos 20, contaria com o assentimento de Alcides Arguedas. Todas as vezes que menciona a civilização estadunidense no *Diário*, salta aos olhos sua manifesta simpatia. A Missão Kemmerer atuou na Bolívia a partir de 1923. O acordo entre os EUA e a Bolívia tinha relações com a reprodução do sistema capitalista, mas o comportamento cooperativo entre esses Estados sugeria “um horizonte mais estável e duradouro do que aquele que orienta o cálculo de agentes e grupos privados.” (MITRE, 2008, p. 12.).

⁵ As ideias de Mitre foram embasadas por DRAKE, Paul. *Kemmerer en los Andes*. Quito: Banco Central del Ecuador, 1995.

Arguedas entendia, sem dúvida, a estratégia de desenvolvimento do capitalismo em esfera internacional representada pela missão estadunidense. Contudo, suas comparações levavam-no a problemas internos relacionados à questão racial.

La civilización tiene suyas aberraciones, y la yankee sus contrastes. (...) ¿Cómo será la lucha entre nosotros cuando el indio despierte de su letargo actual? Los americanos queman vivos a los negros, y este sistema de defensa habrá de aplicarse algún día en Bolivia, sin remedio, cuando gane en extensión la obra de los mestizos demagogos. (Diário, T. II., p. 69.).

O futuro racial da Bolívia, para Arguedas, não aparentava ser muito promissor. Ao ler os comentários sobre o futuro das populações autóctones, vê-se bem que a tomada do governo estava longe da capacidade de previsão de Arguedas. Se tivesse vivido mais seis anos, Arguedas talvez tivesse mudado de opinião diante da Revolução Nacional (1952) e a ascensão do MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário). Se bem que, com o fim da Guerra do Chaco (1932-1935), a obra daqueles que Arguedas chamou de “mestiços demagogos” – Tristán Marof (1898-1979) e Franz Tamayo (1879 -1956), dentre outros – já era nutrição ideológica de grupos populares. A Guerra contra o Paraguai desenvolveu a consciência de organização e o nacionalismo nos grupos sociais bolivianos.

O SATURNISMO COMO ESTILO

Não seria leviano afirmar que a principal tópica do discurso melancólico no diário íntimo de Alcides Arguedas é a história. Quer dizer, a visão histórica é a base que sustenta o sentido de deslocamento configurado nesse documento. É certo que fatores como família, existência, memória, nação, raça, dentre outros, concorrem para a construção do perfil melancólico do discurso arguediano. Mas é a percepção da historicidade - construída sobre orientação teórico-metodológica específica – que abrange e controla todos os outros aspectos.

Arguedas imprimiu a marca de um estilo melancólico ou saturnista (já veremos porque) nos primeiros meses de produção do *Diário*. Em La Paz, as noites de lua cheia convidavam-no a reflexões carregadas de romantismo e impregnadas pelo estilo que iria caracterizar toda a obra que estava a construir. “Estamos no pior do inverno”, escrevia numa noite pazeña, “não há nuvens no céu e as estrelas brilham empalidecidas ao clarão do astro da melancolia (...)” (Diário, T. I., p. 43.).

Em nossa interpretação, a menção à lua assinala a presença da tradição dos estudos clássicos sobre a melancolia no horizonte intelectual de Alcides Arguedas. Nesse caso, ocorre uma ressignificação interessante. O planeta Saturno é, de acordo com a longa

tradição de estudos sobre o tema, o astro da melancolia.⁶ No entanto, Arguedas atribui à lua as características de Saturno por dois motivos quase óbvios. Primeiro, porque a influência do romantismo em seu horizonte de ideias é evidente demais para ser desconsiderada e, depois, porque o planeta Saturno não pode ser visto no hemisfério sul. Restou à lua, no conjunto das ideias arguedianas, a representação de astro da melancolia.

Queremos entender que a resignificação proposta por Alcides Arguedas não o afasta de uma tradição saturnista de estudos sobre a melancolia. Ao contrário, se observada a formação intelectual desse autor, fica relativamente fácil conectar as ideias de Arguedas a um horizonte de estudos que inclui Aristóteles, Ficino, Burton, Freud e tantos outros que produziram obras sobre o assunto. No texto de Arguedas, a lua acaba por incorporar as características que a tradição de estudos sobre a melancolia atribui ao planeta Saturno. Evidentemente, soma-se a isso uma alegoria do amor romântico que atribui à lua a função de astro das alegrias e tristezas dos amantes. Naquele ano de 1901, quando Arguedas redigiu a nota acima, era bem possível que estivesse sob a orientação de uma literatura imbuída dos valores do romantismo. Arguedas resignifica atribuições astrológicas para incorporar elementos saturnistas que serão a marca de estilo característica de sua obra.

O leitor deve observar que não afirmamos que Arguedas leu essa ou aquela obra sobre a melancolia. No entanto, o conjunto das ideias de Arguedas incluía leitores de obras clássicas sobre o tema. As referências no *Diário* a Schopenhauer, Nietzsche, Max Nordau, Miguel de Unamuno, dentre outros, sugerem a existência dessas ideias no pensamento de Arguedas. Desse modo, seu horizonte intelectual aproximava os antigos dos modernos de modo quase involuntário.⁷

Entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX, muitas obras de análise psicossocial, de visão saturnista ou melancólica, foram escritas com os olhos voltados para a América. Contudo, na avaliação da produção ou recriação de tradições no período em questão, precisamos considerar a diversidade de motivos. Não existe uma “escola” pessimista,

⁶ O estudo fulcral sobre o tema ainda se encontra em KLIBANSKY, Raymond; PANOFSKY, Erwin; SAXL, Fritz. *Saturno y la melancholia: estudios de historia de la filosofia de la naturaliza, la religión y el arte*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

⁷ Ver: HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: UNB, 2003; PAYEN, Pascal. *Introduction: les anciens en figures d'autorité*. in: FOUCAULT, Didier; PAYEN, Pascal. *Les autorités: dynamiques et mutations d'une figure de référence à l'Antiquité*. Grenoble: Jerome Millon, 2007; YILMAZ, Levent. *Le temps moderne: variations sur les anciens et les contemporains*. Paris: Gallimard, 2003.

mas um universo intelectual mais ou menos próximo compartilhado por intelectuais de formação parecida.

Cláudia Wasserman assinala que duas ideias melancólicas foram predominantes nas primeiras décadas do século XX: o arielismo e o positivismo. As ideias arielistas posicionavam-se contra a influência estrangeira e insistiam na valorização das raças nacionais como o melhor caminho para progresso social e material da sociedade. As ideias positivistas, por seu turno, tinham caráter racista e aspiravam atingir um patamar mais alto na hierarquia das civilizações. Ainda assim, as duas correntes concordavam no “diagnóstico fatalista e pessimista acerca das realidades dos países da América Latina e apontavam a educação como uma das panaceias para a cura desses males (...)” (WASSERMAN, 2007, P. 271.). Para Wasserman, os positivistas acreditavam que os países da América eram incapazes de expressar princípios liberais e democráticos. “Tinham uma visão pessimista do desenvolvimento latino-americano e utilizavam termos das Ciências Biológicas como *continente enfermo* e *pueblo enfermo* para definir os males e anormalidades detectados. Os positivistas reconheciam que seus países tinham características singulares e as limitações da teoria evolucionista obrigavam-nos a considerar essas sociedades como inferiores em uma escala unilinear de civilização.” (Idem, p. 269.). Essa geração sustentava-se teoricamente no conceito de evolução e na ideia de unilinearidade da história.

NAÇÃO, RAÇA E MELANCOLIA

A ideia de discutir a questão racial como tópica determinante na constituição da nação boliviana encontra opiniões que divergem em pontos específicos. Ao tratar da obra de Alcides Arguedas, os estudiosos parecem discordar quanto à presença da ideologia racista no ideário do escritor. Quer dizer, o darwinismo social no conjunto de ideias de Arguedas é evidente, mas questiona-se sua determinação no pensamento social que produziu.

De acordo com Antonio Mitre, o discurso racial na obra de Arguedas se orienta pela crítica aos grupos dominantes. (MITRE, 2003, p. 131.). Mitre não crê numa determinação racista na obra de Alcides Arguedas, mas num contexto onde o racismo científico dominava o discurso. Para dizer a verdade, em outro lugar, Mitre afirma que até hoje os indivíduos condenados pelo racismo científico ainda não se integram, no imaginário boliviano, àquilo que forma a nação. A mentalidade comum não reconhece a legitimidade do hibridismo. De acordo com Mitre,

Desde os anátemas que Huaman Poma de Ayala lançara contra a bastardia do “mundo de ponta cabeça” de seu tempo, passando pelo darwinismo social do Oitocentos, e até o presente, o preconceito e suas sequelas fazem parte da sociedade boliviana. Foi paradoxalmente um escritor apelidado de “racista”, Alcides Arguedas, quem com maior precisão alertou os bolivianos sobre a ameaça que a persistência do fosso racial representaria para a construção da nação e para o alcance de um mínimo de consenso (...) (MITRE, 2008, P. 29.).

O problema é que o uso das teorias raciais para pensar o desenvolvimento das sociedades e seu caráter nacional não faz do usuário um racista. No entanto, o pensamento raciológico trazia a exclusão em sua pauta de possíveis aplicações. Não há um uso científico daquilo que foi denominado “racismo científico”. Não há demonstrações suficientemente rigorosas que comprovem a veracidade de suas assertivas.

A questão discursiva do pensamento raciológico é analisada por Miguel Gomes. Para esse autor, o discurso racialista é naturalizado através do uso da retórica. A captação de certos códigos verbais permite vislumbrar o esforço da raciologia em justificar uma sociedade estruturada na diferença e sustentada na distribuição desigual de poderes. Raça e discurso, para Gomes, são inseparáveis. A retórica literária permite a construção de estereótipos que personificam a consciência nacional.

En pocas palabras: en el quehacer del raziólogo se vislumbra el esfuerzo por imponer intereses personales o de clase a la nación en general — por algo, se ha caracterizado a los positivistas como “intelectuales orgánicos de la oligarquía” (Cuevas, 1993: 63) —; pero los recursos que el idioma le ofrece a la larga resultan inadecuados. (...) ¿Quién no sabe que la lengua es jinete del pensamiento, y no su caballo?” A mi modo de ver, la atención que prestemos al lenguaje sigue siendo, por ello, uno de los instrumentos esenciales del ejercicio crítico, entendido incluso como componente de un proyecto amplio de cuestionamiento social. (GOMES, 1996, p. 19.).

As armadilhas da linguagem podem legitimar discursos de características diversas. Ao contrário de Antonio Mitre, Miguel Gomes não deixa de assinalar a presença do racismo no discurso de Alcides Arguedas. Mesmo quando constata que, em *Pueblo enfermo* (1909), Arguedas diminui a importância da raça branca em benefício da raça indígena. Segundo Miguel Gomes, o uso mesmo do discurso raciológico já implica em racismo.

Antonio Lorente Medina entende que há uma tensão ambivalente no discurso de Alcides Arguedas. Essa tensão provoca oscilações nas escolhas ideológicas. Surge na escolha entre a caricatura estereotipada do elemento nacional, por exemplo, e o reflexo fiel da observação sociológica. Arguedas estava imbuído do conhecimento científico da época. Sua obra, segundo Medina, é “caracterizada por un criticismo flagelador e marcada – ainda no

título de seus livros – pelo selo do enfermigo, do patológico, do que tantas mostras nos ofereceu a América espanhola na primeira metade do século XX.” (MEDINA, 1996, p. 432.).

Nessa mirada, Teodosio Fernández Rodríguez afirma que, a partir da primeira viagem à Europa, foi que Arguedas se reconheceu no ideário do positivismo. “A mentalidade positivista verte postulados naturalistas, evolucionistas ou cientificistas sobre uma realidade nacional que se examina com critérios empíricos, descritivos e genéticos, aproveitando as contribuições da ciência do XIX.” (RODRIGUEZ, 1996, p. 462.). Tudo era feito no sentido de desvendar o enigma da identidade nacional. Os ensaios psicossociais que buscaram dar conta das identidades nacionais na América do Sul, a partir do início do século XX, partiram do pressuposto da superioridade da raça branca. Esse, sem dúvida, é o ponto mais sensível dessas narrativas. O darwinismo social era um tigre de papel, mas dominou o ideário intelectual da América entre o fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

As características do racismo científico na obra de Alcides Arguedas já foram objeto de análise dos primeiros críticos de seu trabalho. É o caso da insistência de Charles Arnade em observar a influência da escola francesa de sociologia e psicologia (LeBon, Gobineau, Vacher etc.). Para Arnade, a depreciação do elemento nacional na obra de Arguedas era um modo de corrigir as enfermidades da Bolívia. Arguedas, de acordo com Arnade, “deu-se conta de que o único camino para reformar a Bolívia era analisá-la com todas as técnicas modernas e manter de lado todas as emoções.” (ARNADE, 2008, p. 64.).

Um trabalho clássico que afirma a presença do determinismo racista na obra de Arguedas é o de Juan Albarracín Millán. De acordo com esse autor o esquema com o qual Arguedas analisa a sociedade boliviana é anacrônico e contraditório porque insiste no pressuposto de superioridade da raça branca e na inferioridade de mestiços e indígenas. “Com essas raças decaídas, a Bolívia não seria, senão, um enorme hospital” (MILLÁN, 1979, p. 147.). A postura narrativa de Arguedas, segundo Millán, gerava a ambivalência característica de seu discurso. Alcides Arguedas podia ser visto como o grande detrator do elemento indígena ou como um dos pilares do indigenismo boliviano.

O fato é que a obra de Arguedas é fecundamente provocadora, mas isso não torna seu autor ideólogo de qualquer mudança. Arguedas foi o protótipo de escritor de fim de século XIX adentrado no século XX. Seu horizonte intelectual comportava a tensão própria de uma transição epistemológica ainda incompleta. O conservadorismo novecentista relutava em

se resignificar na multiplicidade dos tempos modernos. Isso, sem dúvida, gerava tanto mais angústia quanto mais ambivalência. De acordo com Millán, por isso a amargura arguediana, mais que uma solução, é uma busca viril de si, a autoconsciência crítica da dor irredenta.” (Idem, p. 12.).

É de fácil percepção na crítica à obra de Arguedas um embate entre a importância do racismo científico como definidor de posturas intelectuais ou somente como característica indelével desse contexto. Seja como for, nunca houve experiências que confirmassem a objetividade e ou credibilidade das hipóteses racistas. Seu uso era muito mais uma conveniência discursiva que uma metodologia de classificação confiável.

Edmundo Paz Soldán observa a indefinição provocada pelo determinismo racial na sociedade boliviana da época de Arguedas. Para Soldán, “as definições da identidade nacional ficaram suspensas entre uma utopia (a mestiçagem) e uma fatalidade (o cholo)” (SOLDÁN, 2006, p. 17.). A marca do racismo na obra de Arguedas é evidente demais para não ser percebida. Não havia nenhuma ambivalência ideológica na obra de Arguedas. O determinismo racial condicionava a maior parte das obras de caráter psicossociais produzidas nesse período. O discurso da degeneração possuía uma determinação apriorística. De acordo com Soldán,

sin embargo, este diagnóstico se hallaba sobredeterminado negativamente desde el principio debido a la mediación del discurso europeo de la degeneración, que condenaba de antemano a las sociedades hispanoamericanas debido a su inferioridad racial. La apropiación de este discurso científico europeo podía en algunos casos ser vista, de manera paradójica, como una forma de regeneración, una suerte de ingreso a la modernidad y afirmación de una nueva cultura y un nuevo sujeto histórico³⁴. Esto no ocurrió con Arguedas; su obra, que buscaba la regeneración del país a partir de un discurso de la degeneración, se hallaba limitada en sus posibles respuestas a la crisis. De hecho, Arguedas jamás pudo escapar al determinismo tan predominante en el pensamiento científico de finales del XIX. Sus intentos regeneracionistas terminaban ahogados por su íntima convicción de que los males del país eran inherentes a su composición racial, y por lo tanto carecían de solución (Idem. P. 19.).

SATURNO DOS ANDES

Não existem modelos ideais de nação. As nações se organizam em função dos grupos que orientam a sociedade. Alcides Arguedas só podia pensar a nação com o esquema ideológico pelo qual se orientava. Os movimentos políticos, sociais e culturais e o desenvolvimento inferior das nações americanas (com exceção aos EUA) eram interpretados pelos positivistas com base no trinômio lugar, raça e clima. Segundo Cláudia Wasserman, a ideia de superioridade da raça branca era marcante entre os intelectuais sul americanos. “Essa

geração de intelectuais repudiava os valores ibéricos e preferia leituras francesas e inglesas” (WASSERMAN, op. cit. p. 267.).

Alcides Arguedas canalizou suas energias para a interpretação dos problemas da Bolívia. A narrativa do Diário demonstra empenho em produzir uma obra, nas palavras do autor, que fosse “útil” para seu país. Diagnosticar os males da Bolívia era o modo como Arguedas apontava o caminho para a cura. O pressuposto da superioridade branca era o véu que pairava sobre suas interpretações. Ainda assim, a sinceridade da intenção demonstrava que Arguedas era um patriota. Um amante da nação tão apaixonado que sofria a constante dor do abandono. Para Arguedas, nunca existiu a nação boliviana e, em decorrência disso, o sentimento de estar deslocado aonde quer que estivesse.

No período entre as guerras mundiais, os registros de Arguedas evidenciam suas angústias com os males do mundo. Mais do que isso, esses registros explicitam suas idéias sobre nação e humanidade.

Me siento inquieto, triste, lleno de sombríos presentimientos. Personalmente mis cosas andan mal, económicas y otras. Como súbdito de un país desorganizado y en guerra, veo que la cosa anda por el mismo camino malo. El mundo todo, en fin, parece estar en desequilibrio. Tremenda crisis bancaria en Estados Unidos y bancarrota en el mundo; exaltación nacionalista y persecución de judíos en Alemania, con incendio de bibliotecas, guerra entre China y el Japón y los japoneses avanzando hacia Pekín, amenaza de revolución en España, amenaza de guerra o guerra entre el Perú y Colombia; millones de desocupados y hambrientos en todos los países industriales; inseguridad completa para los capitalistas del mundo; miseria y ruinas en todas partes... Donde volver los ojos que no contemplen cuadros de dolor y de angustia? (Diário, T. VI., p. 25.).

Para qualquer tempo ou direção que voltasse seus olhos, Alcides Arguedas encontraria somente a imagem da desolação. A existência humana, sua obra de escritor e a nação boliviana sempre seriam motivos de angústia. A melancolia, então, foi o sinal mais evidente de todas as suas ações. As lições do positivismo ensinaram Arguedas a pensar na degeneração como possibilidade de regeneração. As decorrências desse pensamento é que despertavam o sentimento melancólico em Alcides Arguedas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A América Latina ajudou a produzir a modernidade, afirma Edmundo Paz Soldán, mas foi vítima da modernização (SOLDÁN, op. cit. p. 14.). O discurso da degeneração, típico do ideário moderno europeu, impactou profundamente a literatura boliviana a partir da década de 1880. Obras como *Juan de la Rosa* (1885), de Nataniel Aguirre, e *Nicómedes Antelo* (1885), de Gabriel René Moreno, expressavam uma análise fundada no racismo científico ou

darwinismo social. Tais obras seriam influências marcantes nas gerações de escritores bolivianos que se formariam com sua leitura.

Para Soldán, os escritores que se formaram após a geração de 1880 observaram a “necessidade de regeneração do país a partir a partir de uma revolução moral no sujeito boliviano” (Idem. p. 12.). A constatação da inferioridade do mestiço ou *cholo* era evidente na obra de Alcides Arguedas. Toda a sua obra pode ser interpretada, na concepção de Soldán, como uma narrativa linear da enfermidade e do fracasso boliviano em se constituir como uma nação moderna. O “melodrama” arguediano apresentava a visão de um povo doente no qual só variava a “gradação da enfermidade”. Sem dúvida alguma, podemos afirmar que a análise da obra de Alcides Arguedas empreendida por Edmundo Paz Soldán é mais profunda que suas observações generalizantes. A contribuição da obra de Arguedas para o pensamento social boliviano é muito maior que as cicatrizes de suas filiações teóricas e seus julgamentos valorativos. Seu legado para a história cultural das ideias está longe de ser plenamente investigado e ou esgotado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGUEDAS, Alcides. **Raza de brance/Wuata Wuara**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

_____. **Diário** (1900-1946). t. I a XIV. Sucre: Biblioteca y Archivo Nacionales de Bolivia, 1998.

_____. **Raza de bronce**. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2006.

ARNADE, Charles. **Historiografía colonial y moderna de Bolivia**. Cochabamba: Editorial Los amigos del libro, 2008.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 21, 1998. p. 20-33.

DRAKE, Paul. **Kemmerer en los Andes**. Quito: Banco Central del Ecuador, 1995.

FOUCAULT, Didier; PAYEN, Pascal. **Les autorités: dynamiques et mutations d'une figure de référence à l'Antiquité**. Grenoble: Jerome Millon, 2007.

FOULCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 1992.

GOMES, Ângela de Castro. **Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 21, 1998. p. 121-127.

HARTOG, François. **Regime de historicidade: tempo, história e escrita da história**. KVHAA Konferenser. Stockholm, 1996. Disponível em www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog.html. Acesso em 07.09.2014.

_____. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. São Paulo: Autêntica, 2013.

KLIBANSKY, Raymond; PANOFSKY, Erwin; SAXL, Fritz. **Saturno y la melancholia: estudios de historia de la filosofia de la naturaliza, la religion y el arte**. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário: razão e imaginação no Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Terra ignota: a construção de Os sertões**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1997.

MALERBA, Jurandir; ROJAS, Carlos Aguirre. (orgs.). **Historiografia contemporânea em perspectiva crítica**. Bauru: EDUSC, 2007.

MITRE, Antonio. **O dilema do centauro**: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. **Estado, modernização e movimentos étnicos na América Latina**. In: Coesão social na América Latina: bases para uma nova agenda democrática. São Paulo/Santiago: IFHC/CIERPLAN, 2008.

PORTH, Carol Mattson; KUNERT, Mary Pat. **Fisiopatologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

QUEREJAZU, Roberto Calvo. Masamaclay: **Historia política, diplomática y militar de la guerra del Chaco**. Sucre: S/E., 1998.

SANJINES, Javier. **El control del ficcional**: Alcides Arguedas y Euclides da Cunha. Disponível em www.revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index/4147. Acesso em 17.05.12.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Biografia e regimes de historicidade**. Méti: história e cultura. V. 2, n. 3, jan/jun. 2003. Caxias do Sul. UCS. pps. 57-72.

SOLDÁN, Edmundo Paz. **Alcides Arguedas y la narrativa de la nación enferma**. La Paz: Plural, 2003.

YILMAZ, Levent. **Le temps moderne**: variations sur les anciens et les contemporains. Paris: Gallimard, 2003.

WHITE, Hayden. **El contenido de la forma**: narrativa, discurso y representación histórica. Barcelona/Buenos Aires/México, 1992.

_____. **Meta-história**: a imaginação histórica no século XIX. São Paulo: EDUSP, 1995.

_____. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo, EDUSP, 2001.

Artigo recebido em março de 2015. Aprovado em julho de 2015.